

fe
mi
na
m

bruna
pavesi

2015

Apresentação

“Frequentemente, gosto de mulheres. Gosto da sua informalidade. Gosto da sua totalidade. Gosto do seu anonimato”

Virginia Woolf

Por que eu escrevo, exclusivamente, sobre mulheres? O feminino é um assunto que, ao longo da minha vida, sempre me fascinou. Cresci numa casa predominantemente feminina. Meus amigos mais chegados sempre foram mulheres, assim como meus grandes ídolos. Logo, partilho meu interesse com uma das minhas grandes ídolas literárias, Virginia Woolf, sobre o que significa ser mulher e, sobretudo, o que significa ser uma escritora mulher.

Deste modo, dedico meus escritos a elas. Tenho o dever de escrever sobre mulheres. Colocá-las como protagonistas. Falar sobre seu universo, sua mente, traumas, sexualidade. Seu silêncio, sua vida externa e interna.

Talvez eu nunca descubra o que “ser mulher” significa. Mas, enquanto isso, continuo a escrever.

Bruna Ramos Pavesi

Novembro de 2015

Sumária

Contos

A pior tortura é precisar escrever e não conseguir fazê-lo, **4**

Marta, Marta, **6**

Precisamos falar sobre a Sara, **9**

O Passado de Lorena, **12**

O Quarto, **16**

Laura e o Pássaro, **18**

O Destino de Ingrid, **21**

A Faxina de Lara, **23**

Vitória teve uma ideia, **26**

Roteiro

O Pós-Parto de Norma, **28**

A pior tortura é precisar escrever
e não conseguir fazê-la

A pior tortura é precisar escrever e não conseguir fazê-lo.

Sento em frente à máquina de escrever. Silêncio. Nada. Ouço alguns barulhos fora do quarto. As outras se divertem. Risadas. Nada aqui dentro. Meu impulso é sair, deixar a máquina, as folhas em branco, a cadeira estofada. Inclusive jogar a máquina pela janela. Sinto-me aprisionada pela máquina. Pelo branco. Pelas folhas amassadas na lixeira, algumas no chão, já transbordadas. Risadas. Eu não posso me permitir. Em minha mente, a máquina já repousava no gramado do jardim, ao lado de Gabriela, que está no balanço. Mas, ao invés disso, tranco o quarto e jogo a chave pela janela do segundo andar da casa. Escrevo algumas palavras e percebo quão ridícula fora a ideia.

Preciso sair. Preciso sair tanto quanto preciso escrever. O quarto não tem mais ar, não tem mais vida. Preciso respirar para continuar. Vou até a janela. Ninguém no jardim. Não ouço mais risadas. Preciso escrever. Preciso sair do quarto. Saio pela janela do segundo andar e escalo a casa até o térreo. Procuro a chave pela grama. Nada. Entro na sala e lá estão Gabriela, Helena e Camila jogando cartas, rindo. Tudo está bem.

Preciso escrever. Mas já é tarde. Nada da chave. Hora de dormir. Como entraria no quarto? Dormir com Camila, tudo bem. Queria dormir com Camila. Fazia tempo, desde que

Helena chegara, que isso não acontecia. Aquela cama, aquele cheiro, aquele corpo. Sentia falta. Mas precisava escrever.

Durma, não pense mais nisso. Não consigo. Conseguir sim, vem aqui.

Eu tenho que entrar no meu quarto. Ainda pensando na escrita?! Eu só penso nisso. Eu achava que você só pensava em mim, era o que havia dito uma vez. Uma vez, sim... Nada é o mesmo agora. Durma. Tudo bem.

Acordo no meio da noite. Silêncio. Mais silêncio que o comum. A respiração de Camila não está mais em minha nuca. Não estava em lugar algum. Onde está Camila? A casa vazia. Ninguém. O silêncio é sufocante. A porta do meu quarto permanece trancada. Preciso entrar. Um, dois, três pontapés.

Vera?!

Camila me acorda. Estou em frente à máquina de escrever. Olho a porta aberta atrás de mim. A chave na fechadura.

Vem. Não, eu fico aqui agora, melhor. Vai escrever? Eu sinto que preciso. Por que precisa? Porque parece que a vida para se não o faço. Boa noite, então. Boa noite.

Olho para a página escrita à minha frente: A pior tortura é precisar escrever e não conseguir fazê-lo.

Marta, Marta

“Your aunt is a very lucky woman, Angelica. She has two lives. The life she is living, and the book she is writing.”

Vanessa Bell, “As Horas”

Elas se encontraram pela primeira vez naquela sessão de cinema. Letícia sorriu pra Marta, que não sorriu de volta. Mas ela notou que Marta a acompanhara desde então. Talvez fosse tímida e quisesse se aproximar. Talvez Marta notara que elas tinham um laço, uma cumplicidade. Letícia notara isso desde o primeiro olhar, mas não tinha certeza do que era.

Letícia queria perguntar, e aí, gostou do filme?, mas não queria ser ignorada. Não perguntou. Sim, muito, ótimo filme. Marta respondeu em sua cabeça. Ou depois respondera isso. Talvez não tivesse gostado, mas como alguém poderia não gostar desse filme?! Daniel dormiu. Até roncou. Letícia cutucou. Ele acordou. Mas logo estava babando em seu ombro novamente. No fim, puta filme chato. Letícia concordou. Não sabia por que havia concordado com Daniel. Medo. Medo de o marido descobrir. O quê? A cumplicidade que ela e Marta começaram a compartilhar a partir daquele momento? Não sabia. Mas ela precisou mentir.

Tem filme que muda a sua vida, né? E tem pessoas também. Marta acrescentou. Em casa, ela ouvia Marta. Que voz tinha Marta? Uma voz grave, levemente rouca, que parecia uma onda se arrastando na areia. Ela queria estar na praia agora. Marta podia acompanhá-la, claro. Devia. Não queria ficar sozinha. Não queria ficar sozinha com Daniel. Ou com Heitor. Queria esquecer da família. Queria apenas Marta. Por que não foge? Tenho obrigações. Muitas. Quais? Marido, filho, casa, emprego. Marta não entendia. Dias se passavam e Marta pedia para Letícia acompanhá-la na fuga. É, ela também queria fugir. Do quê? Disso tudo. E as duas falaram ao mesmo tempo “Estou morrendo nessa cidade!”. E riram. Mas era triste. O filme ainda ressoava...

Mais dias se passaram. Daniel ainda estava lá. Heitor ainda estava lá. Assim como Marta. Marta era cada vez mais frequente. Achava que Heitor percebia. Daniel não. Marta se escondia pela casa. Daniel não percebia ou não queria ver? De qualquer forma, Letícia já estava querendo que Daniel notasse alguma coisa nela. Podia ser Marta, que se foda. Ele não pode descobrir. Por quê? Marta não respondeu. Silêncio. O segredo era delas e de mais ninguém. Se alguém descobrisse, não seria mais segredo. A magia acabaria. Marta não precisava dizer uma palavra, estava tudo muito claro na frente de Letícia.

Não sabia ao certo qual era a relação delas. Daniel sentiria ciúmes? Provavelmente não. Nada havia acontecido de errado. Porém, se Daniel conseguisse ver a mente de Letícia... Ele veria muita coisa que o deixaria irritado. Deixaria, sim. Letícia o deixaria. Trocaria essa vida por outra, por qualquer uma, contando que fosse com Marta. Marta Marta Marta Mata...

Os dias se passavam e Marta foi se calando. As visitas eram ocasionais. As conversas não eram tão frequentes. Silêncio. Letícia olhava as páginas em branco. Nada. Marta olhava o nada. O que você tá pensando? Nada. Marta queria fugir. Sozinha. Marta sentia-se aprisionada por Letícia. Letícia não conseguia deixá-la ir, não podia, não podia! Marta, fala, Marta! Morte. Ela queria ir.

“Eu estava pensando em matar minha personagem principal”. Letícia faz Marta rir. O filme. Meses se passaram e o filme ainda ressoa. Marta ri. Letícia ri um riso triste. Marta entende. Anda, faz logo isso, não fala que mudou de ideia. Marta quer fugir, quer liberdade. Marta, porra! Mata logo! Não posso. Por que não? Você quer? Sim. Letícia ri. Ri alto. Não iria dar à Marta a sua vontade. Marta não deu pra ela. Não deu o que ela queria. As páginas em branco ainda continuam na sua frente. O prazo. O prazo já havia sido estendido uma duas três, porra, quatro vezes, tavam loucos com ela. Marta, porra, por quê?

Assim como no filme, Letícia havia mudado de ideia. Marta não morreria. Ela estava aí

nas páginas escritas. Não morreria. Também não teria um fim. Estava fadada a uma existência eterna. Um dois três comprimidos, quatro, cinco cartelas de remédio. Meteu tudo na boca. Meteu um líquido pra ajudar. Água. Porra, podia ser uma duas três cinco sete pedras no bolso. Num rio. Quis vomitar, mas também não sabia se era de nervoso. Queria drama. Marta, Marta, olha só. Marta não falava. Não podia mais falar. Letícia não conseguia mais falar, pensar, olhar. Ela conseguiu fugir. Marta permanecia lá dentro, pelos cantos da casa, do livro.

precisamos falar sobre a Sara

A voz da diretora ecoava na cabeça do pai: “Precisamos falar sobre a Sara”. Ele sentia... Ele sabia qual seria a conversa. Meu Deus, Tânia... Será que seria melhor conversar com a esposa antes da conversa com a diretora? Tânia iria à loucura! É, seria melhor prepará-la. Mas ela já deveria ter notado... Será? Talvez não. Tânia estava sempre tão ocupada com o trabalho que quando chega em casa quase nem nota os filhos. Não nota mais nem o esposo. O esposo dedicado, que cuida da casa, dos filhos, que deixa o jantar quente na mesa na hora que ela chega do trabalho... Não, ela não notava nada mais.

Mas deveria notar Sara. Sara era diferente das outras meninas, desde muito cedo já era perceptível. Quantas vezes ele acordava durante a noite para olhar os filhos e encontrava Sara no quarto do irmão, brincando com suas bonecas, escondida... Quantas vezes ele havia lhe falado, com o coração na mão: “Não, boneca é brinquedo de menino! Menina precisa brincar de carrinho, minha filha...”. Mas Sara não ouvia. Talvez fosse influência do irmão. O irmão tinha muitas bonecas e os dois sempre brincavam juntos. Talvez fosse a ausência da mãe, que não brincava com ela. Uma menina precisa ter uma imagem feminina forte! Aí sobrava pra ele, o pai. Que não sabia lidar muito bem com meninas. Mas sabia lidar com Sara. Sara sempre o ajudava na cozinha, mais até que Gabriel. É, era culpa do pai. Ele não deveria ter

incentivado esse gosto de Sara pelas coisas masculinas.

O pai sofria. Sofria porque Sara, futuramente, iria sofrer. Ela gostava de “coisas de menino”, ela gostava de cozinhar, de brincar de boneca... Tudo isso incentivava ela a ser uma futura dona de casa! Onde já se viu, uma mulher ficando em casa... Seu marido iria trabalhar? Claro que não! Quem iria sustentar sua futura família?!

Por outro lado, o pai sabia que sua filha não seria feliz. Ela já havia falado: “Quero ser dançarina”. Como Sara amava o balé! Mas a escola não permitia que ela praticasse as aulas. Sara chorava, pois detestava o judô. As meninas eram malvadas, riam de dela e a chamavam de “menininho”, pois não sabia lutar como as outras. Realmente, ela não era tão ágil como uma menina deveria ser, não era tão forte... Mas o pai achava que, crescendo, isso iria mudar. Ela estava passando por uma fase... Quem o dera. O gosto pela dança continua até hoje. Sara pediu diversas vezes para a diretora permitir que fizesse aula de dança. E tinha quase certeza que era por isso que o havia chamado, junto com a esposa, para conversar sobre Sara. Tânia estava chegando do trabalho e ele ainda não sabia como contar pra esposa...

“A diretora ligou e disse que precisa conversar com a gente sobre a Sara”. Tânia escutou o marido falar no momento que colocara o pé em casa. Deu um beijo no esposo, viu o jantar quente em cima da mesa, mas não estava mais com fome depois dessa frase. Conversar sobre Sara... Já imaginava o que era. Não, não pode ser! Que sejam notas baixas, mau comportamento, mas não... Não o balé. A filha já devia ter tirado isso da cabeça. Não pode ser. Se bem que o marido incentivava essas coisas. Quantas vezes eles pegaram Sara brincando de boneca e o Adriano não fazia absolutamente nada! Aí depois ela que era a ruim! Mas alguém precisa educar essa criança. Não é deixando a filha cozinhar que ela iria mudar. Daqui a pouco ela já é adulta e as coisas ficam piores. Sara precisa ser mulher! Daqui a pouco, não serão apenas as colegas de aula chamando ela de “menininho”, mas sim a sociedade! Sara precisa aprender, nem que seja através da força, que a vida é dura e no futuro ela vai precisar sustentar uma casa.

Não, a culpa era dela. Não adiantava culpar Adriano. Ela que não parava em casa. Ela que, quando estava em casa, só ligava pro futebol, quando podia estar jogando com a filha. É, precisava mudar também. Todo final de semana iria levar Sara ao campinho e as duas jogariam futebol! Mas capaz da menina ser tão fracote que nem acertaria um chute na bola. O que as outras mães iriam pensar? Não, melhor não. Talvez jogar um videogame com Sara. A filha só jogava com o irmão esses “jogos de menino”. Daqui a pouco Sara vai querer ser dona de casa, meu Deus. Esse gosto por bonecas... Esses brinquedos incentivam a criança a querer

cuidar de bebês, cuidar da casa, ser “menininho”! Como ela deixou chegar nesse ponto? Ela era a mãe, tinha que ter autoridade...

“Querida, o jantar...”, falou Adriano. Tânia engoliu em seco. Adriano abriu a boca pra falar alguma coisa, mas a voz não saiu. Ao invés disso, um sorriso nervoso se formou no seu rosto. Sara e Gabriel chegaram. A família sentou na mesa. Nenhuma palavra foi dita.

O passado de Larena

Uma janela redonda, composta de um mosaico de vidros coloridos. Vermelho, amarelo, azul e verde. Natália observava, sentada no chão, aquela forma tão familiar, porém, tão estranha ao mesmo tempo. Sim, conhecia aquela janela. Conhecia aquele banheiro, o azulejo escuro, o espelho - gigantesco? Nem tanto, mas tinha a impressão do objeto causar-lhe certo mal estar, um medo inexplicado. Tudo aquilo lhe causava um medo inexplicado. A janela. A situação. Natália não conseguia nem explicar o porquê de estar sentada naquele banheiro de azulejo escuro. Como havia chegado àquele lugar?

Há oito anos que não visitava sua cidade natal, desde que terminara a faculdade. Ela não tinha boas memórias daquele buraco fedorento onde nascera. Tudo lhe causava enjôo. O cheiro da cidade, as pessoas... Mas estava na hora de voltar. Há situações que não podemos escolher. Porém, antes mesmo de se dirigir à casa de seus pais, Natália percebeu que pegara outro caminho. Um caminho que ela conhecia muito bem, no fundo de sua mente, mas que não lhe trazia memória alguma no momento. Ela dirigiu por uma rotatória, que lhe causou náusea. Passou pela ponte amarela, que continuava do mesmo estado: poderia cair a qualquer momento. Virou à direita, pegou o caminho de paralelepípedos e estacionou na frente de uma casa antiga. Parecia abandonada. Por que estava ali, e não na casa dos pais? Natália não fa-

zia ideia. Contudo, saiu do carro, pulou a pequena cerca e entrou no terreno. O cheiro... Ela sentiu um cheiro familiar. Sua náusea aumentou. Mas ainda não sabia por quê.

Quando percebeu, já estava sentada no banheiro, olhando para a janela redonda e suas cores. Um lapso na memória. A porta estava destrancada? Haviam arrombado a casa?! Natália sentiu-se muito mal, queria ir embora dali. Levantou-se para ir embora, entretanto, a porta do banheiro estava trancada. Seu desespero começou. A respiração ficou mais pesada, o banheiro todo fechado não tinha mais ar suficiente para ela. Tentou abrir a janela, que estava emperrada. Não obteve sucesso. Suava frio. Tinha pavor de ambientes pequenos e fechados. Forçou a porta mais uma vez, nada. Chutava, gritava. Começou a chorar. Ficou de joelhos. O espelho a amedrontava. Permaneceu impotente, chorando. Não alcançava mais a porta, Não tinha forças. O cheiro a sufocava. Se dirigiu ao vaso sanitário, a vontade de vomitar estava insuportável. Foi nesse momento que uma luz invadiu o banheiro. Uma luz muito forte, que cegou Natália por um instante. O tempo parou e mais um lapso na memória aconteceu.

Natália acordou novamente sentada no banheiro, abraçada ao vaso sanitário. Ela havia vomitado. Seu corpo doía. Permaneceu desse jeito por mais ou menos um minuto, quando percebeu um barulho lá fora. O barulho causou-lhe arrepios. Levantou-se lentamente, devido à dor no corpo. Sua visão ainda estava afetada por causa da luz, mas tinha a impressão de estar com outra roupa. Mais dias se passaram? O que aconteceu antes? Puxou a descarga. Dirigiu-se à porta, estava aflita, com medo de encontrá-la trancada novamente e ter mais um ataque de pânico. Encostou na maçaneta. A porta abriu. Antes de sair do banheiro e ir de encontro ao barulho que arrepiava sua espinha, olhou para trás, para o espelho que a amedrontava. Natália não se reconheceu. Viu no espelho outro cabelo, outros olhos, outro rosto. E estava grávida! Um outro ataque de pânico começava... Porém, foi interrompido por uma batida na porta: “Lore? Tá tudo bem? Lorena? Faz uma eternidade que você entrou aí...”. Lorena? Quem era Lorena? Natália não era mais ela mesma, mas sim essa mulher morena, grávida, que se chamava Lorena. E ainda não sabia onde estava. Abriram a porta: “Lorena? Meu Deus, você tá suando! Tá passando mal de novo?”, uma mulher pequena e loira falou. Natália não conseguia responder. Ficou parada, com a boca entreaberta, sem conseguir emitir nenhum som. “Esse seu bebê, hein, nem nasceu e já tá dando trabalho!”, a loira falou, olhando para a barriga de Natália, ao mesmo tempo que a puxava para fora do banheiro. “Vem, pega um ar...”. Natália foi colocada sentada em frente à grande janela antiga de madeira. E assim desmaiou. Ou queria ter desmaiado. Um segundo depois, ouviu uma voz chamando-lhe a atenção. Era uma mulher mais velha, com a cara fechada: “Lorena, ainda tá longe dessa

criança chegar. Enquanto isso, precisa cuidar das outras, nada de ficar usando essa barriga como desculpa pra descanso!”. Só então que Natália percebeu onde estava. Percebeu o que emitia o barulho que a arrepiava: um bando de crianças descontroladas. Estava numa creche?

Nesse momento, lembranças que não eram as de Natália invadiram sua mente. Lorena odiava seu trabalho. Não suportava crianças, apesar de já ter dois filhos e estar grávida de mais um. Queria se separar, mas o que seria dela nessa cidade de mente tão pequena? Mãe de três filhos e separada! Não suportava seu marido. Havia casado porque engravidara. Agora, trabalhava como professora em uma creche que detestava, saía do trabalho, chegava numa casa que detestava, com um marido que detestava e com filhos... Ela amava os filhos, mas... Não sabia o que era esse sentimento que a invadia todos os dias quando chegava em casa. Não aguentava sua vida. Além de tudo, havia sua chefe, Matilde, que conseguia ser pior que todas as crianças da creche juntas. Tudo isso lhe causava náuseas.

Natália olhou para trás e percebeu: Tavinho, criança hiperativa que não parava quieta; Gabi, um doce, porém nunca dormia; João, quieto, sem amigos; Amanda, chorava por todos os motivos; Dani, não podia voltar pra casa com um joelho roxo que os pais apareciam na escola... E havia Natália, a pior. Natália? Natália era aquela criança insuportável, que nunca queria terminar sua merenda, que impossibilitava Lorena de sair para o parquinho, único momento que poderia pegar um ar. Ordens de Matilde: “Criança que não come toda a merenda não pode sair pro parque. A professora deve permanecer com a criança na sala de refeição até ela terminar”. E Natália nunca terminava. Ela chorava, era birrenta. Queria brincar, nunca comer. E isso fazia Lorena ter um ódio ainda maior dessa criança. Era ela quem prendia a Lorena naquela sala nauseante, cheirando a mijo e fezes, por mera birra. Do outro lado da janela, o parque. A brisa. As árvores. O vento no rosto. O ar puro. E Lorena trancada todos os dias com Natália dentro da sala.

Todos esses pensamentos sufocavam Lor--Natália. Ela não queria odiar a menina. Essa criança era ela própria. Mas, ao mesmo tempo, estava tão distante... “Você tá sendo paga pra ficar sentada tomando ar, Lorena? João fez xixi na calça, alguém precisa limpar! Anda!”. Matilde... Por que a própria não poderia cuidar disso?! Levantou-se e foi até João... Limpou mijo. Limpou João. Ensinou mais uma vez que deveria chamar uma das “tias” quando tivesse com vontade de usar o banheiro. Teve vontade de vomitar. Aquele cheiro, aquelas pessoas...

Hora do almoço. Mais uma vez trancada com Natália na sala de aula. Natália era mais alta que as outras crianças e tentava pular o cercadinho que ficava na porta. Lorena queria pulá-lo tanto quanto Natália, mas não podia. Seria repreendida por Matilde. Natália fazia

birra. O sol brilhava lá fora. O vento. As crianças livres. A sala fedorenta. A náusea... Lorena precisou correr até o banheiro para vomitar. Ao retornar à sala, Natália havia sumido.

Correu até o parquinho procurando a criança. Lá estava Natália, escondida dentro da casa de bonecas. Ao mesmo tempo que queria castigar a criança, também tinha vontade de ficar no parque. Percebeu que Matilde a observava da porta da creche. Teve raiva. Um formigamento tomou conta do seu corpo. Pegou Natália pelo braço como se pegasse uma boneca e a arrastou para dentro da sala de aula de novo. Sabia que ouviria muito de Matilde. E não deu outra: enquanto Natália, na presença da mulher mais velha, comia sua merenda lentamente, olhando assustada, Matilde gritava com Lorena. Gritava por Lorena ter deixado a criança fugir. Gritava por não ter ido imediatamente buscá-la. Gritava por Lorena ter “agredido” a criança. Gritava. Gritava. Gritava... Lorena nada mais ouvia. O formigamento tomava conta do seu corpo. A náusea. O cheiro invadia suas entranhas e ela nada podia fazer.

Quando Matilde acabou, saiu para o parque. Lorena não sabia mais o que havia sido dito. Apenas estava sentada diante de Natália, que parara de comer sua merenda no mesmo momento. As duas permaneceram se olhando por alguns minutos. Até que Lorena teve uma ideia. “Fica aqui!”, falou para a criança, que parecia assustada demais para desobedecê-la.

Num impulso, Lorena se dirigiu até a sala da coordenação. Matilde não estava lá. Seu sangue fervia, borbulhava. Não sabia o que fazer. Mas queria fazer. Queria. Ficou na frente da mesa de Matilde, baixou a calça, agachou e mijou ali mesmo. Ao acabar, virou-se e viu Natália. Ela observava o lento rastro que o xixi fazia no assoalho de madeira, até chegar ao seu sapato. Lorena não sabia como reagir. Ficaram as duas novamente em silêncio, uma frente à outra. O cheiro de mijo. A náusea. Natália. Lorena. Matilde.

Matilde chegou e não entendeu o que acontecia. Antes que pudesse começar a gritar, Lorena pegou Natália pelo braço, desesperada, como se aquilo fosse culpa da menina, e trançou-a no banheiro. Nesse instante, a luz que cegava apareceu novamente.

Dentro do banheiro, Natália era Lorena, que era Natália novamente.

Não sei quanto tempo se passou. Mas Natália acordou no chão do banheiro de azulejos escuros. Olhou a janela redonda. Sentiu o cheiro. Vontade de vomitar. Ela sabia tudo o que tinha acontecido. Não questionou. A memória que estava há tanto tempo guardada era novamente fresca. Não pensou duas vezes. Saiu daquele lugar o mais rápido que pôde.

Entrou no carro, passou pelos paralelepípedos, a ponte amarela, a rótula... Náuseas. Chegou à casa de seus pais. Porém, antes de entrar, precisou vomitar na calçada.

O Quarto

- Eu não vou entrar aí.
- Por quê?
- Não posso.
- Mas era seu quarto...
- Era.
- Então...?
- Faz muito tempo que ele não é meu quarto. E faz tempo que eu não lembro das coisas que aconteceram aqui.
- O que aconteceu aqui?
- Coisas que eu nunca contei pra ninguém. E não quero relembrar nada disso.
- Tinha um monstro embaixo da sua cama?
- Tinha.
- E um que saía do seu armário?
- Sim. E que entrava pela porta...
- E o que eles faziam? Bu?
- Eles me faziam querer nascer um menino.

- Eles não gostavam de meninashas assustadas?
- Esse era o problema. Eles gostavam de meninashas assustadas...
- Eles não assustavam os meninos, então?
- Não sei. Mas definitivamente me assustavam. Me machucavam.
- Te mordiam?
- Me mordiam... Me lambiam e me comiam também.
- Você disse que não queria lembrar...
- Mas como não lembrar? Vindo até aqui?
- Foi você quem quis vir.
- Foi VOCÊ quem quis vir.
- Tanto faz.
- Agora tudo já voltou. Não adianta. Não adianta ir pra minha casa. A porta desse quarto foi aberta novamente. Vou ficar aqui dentro por um bom tempo. Anos. A vida inteira.
- Mas até hoje você não se lembrava.
- Eu me lembro disso todos os dias. Você me lembra disso todos os dias. Mas eu consigo driblar todos os sentimentos, pouco a pouco...
- Mas eu te faço lembrar...
- Mas não é só você que mora aqui.
- Eu sei.
- Eu desenvolvi inúmeros mecanismos de defesa durante esses anos. Pra evitar isso tudo. Evitar você.
- Mas uma hora ou outra eu apareço novamente, não é mesmo?
- Sim. A culpa é o pior castigo.

Laura e o pássaro

Laura vê um pássaro preso em sua sala. Ele tenta escapar pela janela de vidro fechada. Sem sucesso, obviamente. A janela que estava sem tranca até uns dias atrás. Alugara a casa desse jeito fazia dois anos. Não precisa nem mandar arrumar, esse bairro é tranquilo, os vizinhos são todos amigáveis, não existe assalto. Eles falaram. Mas agora a janela tinha uma nova tranca. Mas o pássaro não sabe disso. Ele se joga contra a janela, como se fosse adiantar alguma coisa. Ele tenta, tenta, tenta... Laura permanece parada em frente à cena, observando. A liberdade do pássaro depende de um passo de Laura, de esticar a mão e abrir a tranca, abrir a janela. As janelas não ficam mais abertas. Antes essa ficava. As portas eram trancadas. As janelas eram trancadas. Menos a da sala. O bairro é tranquilo. Ela acenava todas as noites antes de apagar as luzes para a Dona Jane, a vizinha. As janelas de suas salas ficavam uma de frente para a outra, uma casa em cada lado da rua. Dona Jane sorria. Laura sorria. Apagava a luz. Ia para a cama tranquila. Até escutar um barulho. Toc. Toc. O pássaro bate na janela. Depois do ocorrido, ele sabe que Laura não abrirá, portanto, continua a se debater contra a janela de vidro fechada. A esperança cega de tentar atravessar o vidro e voar em liberdade.

Laura dormia. Toc. Um barulho a despertou do sono leve. Toc. Outra vez. Lá embaixo. Nada

mais. Silêncio. Muito silêncio. Laura estava inquieta, mas não tinha por quê. É um bairro seguro. Nada de ruim acontece ali. Se olhasse pela janela da sala, provavelmente o sorriso reconfortante de Dona Jane estaria lá. Ela queria o sorriso de Dona Jane. Três e quarenta e três. Dona Jane deveria estar dormindo com Seu Leopoldo. Mas quis ir até a janela da sala. Não chegou até a janela. Na escada, foi surpreendida pelo Cara. O Cara não queria nada lá de dentro. A não ser Laura. Ele a enquadrou. Uma máscara cobria seu rosto. O de Laura, o desespero. Os olhos do Cara, claros, não sabia se azul ou verde, ou uma mistura, eram frios, sem emoção. Os dela choravam. Foi levada até a janela da sala. Foi amarrada nos braços com a própria camisola. Na boca, sua calcinha a sufocava. As pernas, cada uma ele segurava. A força de suas mãos deixavam um roxo nelas. Ele era gigante. Ela era nada. Enquanto tudo isso acontecia, ela olhava pela janela da sala. Destrancada. Quebrada. Pra rua segura. Os vizinhos dormindo. Seu Inácio roncando. Dona Jane dormindo com o livro sobre o peito. Sobre o peito de Laura, o Cara. A máscara. Os olhos frios. Queria escapar. O que a separava da rua segura era a janela quebrada. A liberdade atrás do vidro... Tudo estava terminado em menos de vinte minutos. O enquadramento. O amarrar das mãos. Os gritos sufocados de dor. De medo. Os gritos sufocados de prazer. De poder. O gozo. O descanso. O temor. Nenhuma palavra foi trocada. O Cara foi embora pela janela, pela rua segura, enquanto todos descansavam em suas casas. O Cara não levou nada, além da sensação de segurança. De limpeza. De bem estar.

Toc. Toc. Toda noite, Laura ouvia o mesmo som. Não dormia. Não comia. Não havia falado nada pra ninguém. Se sentia inútil. Suja. Não podia falar. Mandou consertar a janela. Mas a rua não era mais segura. Não conseguia mais sorrir para Dona Jane. Não apagava mais as luzes. Tentava dormir com elas acesas. Mas não dormia. Os olhos frios todas as vezes que fechava os seus. Aquele olhar que ela nunca veria novamente... Até aquela tarde. Na feira. A feira de toda quarta. O olhar frio do Cara enquanto ela pagava a alface, a rúcula e as cenouras. O olhar que ela reconheceria em qualquer lugar. Em qualquer um. Era o Cara. Ele a olhara profundamente. Ela estava paralisada. Levou um choque quando seus dedos se encostaram ao entregar o troco. Ela voltou a si. E com a certeza do que deveria ser feito.

Toc. Toc. Laura batia na porta. Estava calma. Então era essa a sensação que uma máscara e uma arma na mão te davam. O poder. Esperava com calma. O cara dormia. Toc. Toc. Ela sabia. Estava observando sua rotina há uma semana. Toc. Toc. O Cara apareceu na porta.

Mas os olhos frios não apareceram. Eles estavam em Laura. O Cara tinha olhos surpresos agora. Que se transformaram em terror no momento em que Laura colocara a arma em sua cabeça. Agora, ela era a gigante. Ele, um pássaro. O pássaro poderia bater na janela. Depois do ocorrido, ele sabia que Laura não abriria, portanto, continuaria a se debater contra a janela de vidro fechada.

O Destino de Ingrid



(*New York Movie*, 1939, Edward Hopper)

Ele viria. Ele viria. Tinha que trazer o dinheiro. Precisava. A vida dela dependia desse dinheiro. O filme estava acabando. Ele sabia onde encontrá-la. Nada ainda. Ali parada, encostada na parede da sala de cinema, toda a sua vida passava por sua cabeça. Como um filme. Como o filme que estava passando naquela tela. Qual era mesmo? Não importava. Ele ainda não havia chegado. E o futuro dependia dele.

Ingrid podia estar parada no foco de luz, completamente iluminada, mas sempre estaria no canto. Sempre seria invisível. Os olhos sempre estariam em Vivien Leigh ou em Marlene Dietrich lá na frente, na tela. Nunca nela. Não importava o cabelo loiro. O corpo esguio. O rosto belo. Ela nunca seria Vivien Leigh ou Marlene Dietrich. Por que não? Nem ela sabia. Mas havia tentado, tentado, tentado...

Aos vinte e seis, já não tinha grandes esperanças que ia dar certo. Aos vinte e um, quando se mudara para a cidade grande, ainda tinha sonhos. Mandaram pintar os cabelos morenos de loiro. Pintou. Mandaram usar certas roupas. Usou. Mandaram fazer umas poses. Fez. Mandaram tirar a roupa. Tirou. E foi ganhando dinheiro assim. Hoje, não tem mais idade para isso. Mas os testes continuam. Todos os tipos de testes. E promessas. Quantas promessas! Até agora, nenhuma realizada. Chamavam ela de “nova Marlene Dietrich”. Ele havia chamado. Ele havia feito promessas. Promessas que não envolviam a esposa e o filho. Nem colocar ela trabalhando em uma sala de cinema. Mas era o que ele conseguia. Por enquanto. Agora ele precisava conseguir o dinheiro...

Aos vinte e seis, se conformava em falar aos pais, que permaneciam no interior, que trabalhava com cinema, alimentando o sonho deles de ver a filha um dia também na tela brilhante. Não, Ingrid não é mais garçonete, agora está bem, muito bem, até manda dinheiro pra casa! Um filme? Ah, ainda faz coisas pequenas, mas logo, logo... Logo eles teriam um neto bastardo, isso sim. Isso ela não falava. Não falava como havia conseguido trabalhar no cinema. Mesmo que fosse como lanterninha. Não, os pais nunca saberiam. Por isso ele precisava aparecer.

Nada. Nada de dinheiro. Os últimos minutos do filme. Os pais na cabeça. O sonho. O sacrifício. Testes, testes, testes. Positivo. O filme acabaria. As pessoas passariam por Ingrid, a “nova Marlene Dietrich”, segundo o cara que não apareceria com o dinheiro. Ninguém notaria sua vergonha, seu desgosto, seu choro engolido. Ninguém notaria a agulha de crochê, a última esperança, que seria responsável por ela nunca mais aparecer no cinema. Nem aparecer na tela. Ninguém notaria.

A Faxina de Lara

Seis e meia da manhã. O despertador toca. O marido acorda. Lara já estava acordada. De fato, nem havia dormido. Porém, recebeu o beijo do marido na bochecha esquerda, fingiu-se sonolenta, ficou na cama até às sete e meia, quando o seu despertador finalmente tocou. Sentou na beirada da cama e permaneceu assim por uns três minutos, ouvindo o despertador tocar. Desligou o aparelho. Nesses últimos anos, não precisava mais acordar cedo. Mas acordava. Não havia nada mais pra ser feito... Faxina. Hoje seria dia de faxina.

Não era dia da Suelen vir, mas o apartamento também não era assim tão grande. Era, sim, pra ela e pro marido. Não havia necessidade de três quartos. As crianças já haviam saído de casa. Não eram mais crianças. Estavam casadas e já tinham seus próprios filhos. Os quartos estavam lá para as visitas. As visitas obrigatórias. Podiam até passar o dia, as crianças bagunçavam o apartamento, os filhos comiam toda a refeição, como se fosse a última, como se as esposas não cozinhassem, e logo iam embora. A única coisa que permanecia era o som da TV ligada para abafar o silêncio entre ela e o marido.

Tomou um café da manhã em pé mesmo, olhando para a pia com a louça que o marido deixara ainda há pouco. Qual a dificuldade de lavar essa quantidade de louça? Lara não entendia. O marido não era capaz de lavar um copo. Nem tinha certeza se ele realmente sabia

abrir a torneira da cozinha. Apesar dos pequenos defeitos, ainda era o seu marido. Aceitava os pequenos defeitos. Aceitava também a falta dos deles, quando o ele passava finais de semana fora, por causa do “trabalho”. Acabou o pedaço de bolo, tomou uma xícara de café preto e repousou sua louça com a do marido dentro da pia.

Por onde começaria? Por onde Suelen começaria? Tirando o pó. Fazia tempo que não limpava a casa. Nem sabia o porquê. Ela tinha tempo. Mas o dia passava num segundo. O silêncio do apartamento a hipnotizava e, quando percebia, o marido estava abrindo a porta da entrada novamente. Cozinha, sala, sala de jantar, seu quarto, quarto de visitas e quarto/escritório. Depois, cuidar do chão. Primeiro, aspirador no apartamento inteiro. Segundo, pano molhado. É, estava indo bem. Terceiro, quando estivesse quase seco, pano de lã. Pano de lã não era usado por Suelen, mas Lara lembrou do passado. O piso amadeirado do apartamento lembrava sua casa de infância. Lembrava sua mãe, que cuidava tanto daquela casa simples, que passava o pano de lã todos os dias, para a manutenção da limpeza, ela dizia. Passou o pano de lã como sua mãe, que descansava no cemitério Parque da Saudade há quase quarenta anos.

Agora, o banheiro. Não. Antes do banheiro, resolveu lavar toda a louça. Duas facas, dois garfos, duas colheres de café, duas xícaras, dois pires e dois pratos. Dois. Tudo par. Tudo em dupla. Um dia ela e o marido haviam sido também uma dupla. Agora são apenas uma pessoa e outra pessoa. Lavou também a faca de carne. Afiada. Olhou seu reflexo nela. Seu rosto cansado. Não pela faxina. Mas por todos esses anos sem fazer nada. Esses anos todos sem importância, que passaram apenas para sugar o frescor do seu corpo, rosto e cabelos jovens. Secou tudo.

Banheiro. Limpou os dois banheiros, suíte e social, e ainda o lavabo da sala. Não poupou água sanitária. Deixou tudo branco como Suelen nunca havia deixado. Esfolou suas mãos de tanto esfregar. Esfregava com vontade, com prazer, com raiva.

Agora, lavar todas as roupas que estavam no cesto, lavar todas as toalhas, todos os panos que havia usado na limpeza... Três maquinadas de roupa! O marido já iria reclamar, a energia não tá barata! A máquina gasta energia por nada, as mãos fazem o mesmo trabalho, você tem tempo! É, tinha tempo. Esperou, esperou, esperou. Sentada na sala. TV desligada. Lara gostava do silêncio. Da solidão. Descansava.

No fim, ficou satisfeita. Observou tudo. Fazia tempo que não se sentia orgulhosa por algo que havia feito. Estava orgulhosa daquela limpeza. Do apartamento. Do seu gosto por decoração. Da decisão que havia tomado.

Quatro horas. Às cinco, o marido estaria em casa. Cinco e meia, talvez. Ainda tinha uma hora. Não precisava ter pressa. Mas a ansiedade começava a tomar conta dela. Não podia voltar atrás. Não podia. Sentada no sofá, ouvindo o silêncio, observando a porta de entrada do apartamento, observando o céu azul pela janela, o sol das quatro entrando e esquentando seu corpo. Suava. Nervosa? Seu semblante estava calmo, mas se alguém entrasse por aquela porta... Quatro e quinze. O marido às vezes saía cedo. Poderia chegar. Esperou mais um pouco. Ninguém chegou. Estava na hora. A porta estava ali. Ela deveria sair, se livrar daquilo tudo, do apartamento. Da TV ligada sufocando o silêncio entre as duas pessoas que ali moravam, que antes eram uma dupla, mas agora eram... Isso.

A porta estava ali. Levantou do sofá. Suas pernas estavam incertas; o rosto, decidido. Cambaleou até a porta. Certificou-se de que estava trancada. Não sabia por quê. Nada mais importava. O que importava era que o apartamento estava limpo. Estava orgulhosa. Que decisão havia tomado! Seguiu o caminho que a levava até o sol, o céu azul, tão azul, tão calmo, tão quente. Seguiu o sol. Sentou na janela da sala. Sentiu a pele queimando, a brisa agradável do outono no seu rosto. Era hora de ir. Num pulo, fugiu pela janela do décimo quinto andar.

Vitória teve uma ideia

Vitória teve uma ideia. Depois de tanto ouvir falar da fama do tal “Alexandre, o Grande” entre suas amigas, ela finalmente resolveu tentar novamente. Foram anos de orgasmos fingidos com homens e mulheres – os homens nem chagavam perto; as mulheres, é, elas tentavam, uma até teve problema na mandíbula –, anos de pilhas gastas com vibradores e anos tratando de L.E.R. – lesão por um grande esforço repetido tantas e tantas vezes por horas... E nada. Já fora em médico, psicólogo, sexólogo... E nada. Sim, estava derrotada. Não pensava mais nisso. Estava contente com seu gato, cobertor e sofá, tomando um vinho e assistindo a um bom filme durante as noites. Mas o Grande Alexandre acendera uma faísca dentro dela. Uma faísca de esperança que há anos estivera apagada.

Jantar? Ok, jantar. Vitória queria ir direto ao assunto, mas era melhor jantar. Não queria que Alexandre pensasse que ela o estava usando apenas para sexo. Tudo bem, não era *apenas para sexo*. Precisava ter um bom final.

Jantar foi ok. Vamos pra casa? Minha ou sua? Tanto faz. Alexandre abria o vinho, enquanto Vitória já abria seu vestido. Rapidinha você, hein? Haha, rapidinha você vai ver... Vitória estava confiando nos anos de meditação, yoga, trabalhos de concentração e muita disciplina que Alexandre dizia ter. Sabia que ele era aquele tipo de cara que amava um

desafio, então, antes de começarem de fato, soltou um “eu nunca tive um orgasmo”. Claro que a frase dobrara a excitação do Grande. O desafio estava aceito.

Uma, duas, três horas de preliminares. Mais uma, duas, três horas de Alexandre metendo, metendo, metendo... As costas já estavam doloridas. Vitória via em seu olhar que a dor tomava conta e os gemidos não eram mais de prazer. Deixa que eu vou por cima, é melhor assim. Uma, duas horas mais tarde e Vitória começava a sentir alguma coisa... A faísca aumentou. A animação, a esperança! Era hoje, tinha que ser! Ele não era chamado de “Alexandre, o Grande” à toa! Aguenta mais um pouco, Alexandreeee!

Os olhos de Alexandre estavam esbugalhados, suas veias do pescoço saltavam. Já havia lembrado da escalação de todos os países da Copa do Mundo desde 1930. Cinco vezes. Ele não podia estragar sua reputação de satisfação 100% com essa mulher. Não podia. Alexandre pedia pelo amor de Deus que Vitória gozasse logo. Nove horas se passaram. Em uma hora ele precisava sair pro trabalho. Se ele conseguisse isso, não pediria mais nada na vida!

Não, não, não vai trabalhar, pelo amor de Deus, Alexandre, tô quase lá! Mais um pouco, mais um pouco... Alô, dona Clarice, não... Ahhhhh... Não vou poder... Trabalhar hoje... Ahhhh... Tô indo pro... Hospital logo, logo.

Vitória começou a ter pena de Alexandre. Era realmente muito esforçado. Pensou em fingir um orgasmo, mas ele não merecia isso. Não mesmo. Ela sabia que aquele seria o grande dia. Tinha que ser. Sentia que estava quase lá. Fechou os olhos e continuou cavalgando. Concentra, Vitória, concentra, que tá quase!

Com os olhos fechados, Vitória não viu o tempo passar. Alexandre não emitia mais nenhum som. Nem ela. Foco! Foco! O telefone tocava e ela nem mais ouvia. As horas corriam e não percebia. Dois dias depois e ela finalmente chegava lá. Alexandre, quase, Alexandre! Vamos lá! Ahhh, ahhhh, ahhhhhh, isso, isso, ahhhhhh...

Vitória caiu mole em cima de Alexandre. Ela, toda suada, esfolada, com a cara vermelha; ele, frio, olhos esbugalhados, branco. O coração acelerado contrastando com o coração parado embaixo de si. Porra. Vitória olhou pros lados sem saber ao certo o que faria com o Grande Alexandre, que estava duro ali em sua cama. Duro. É... Grande Alexandre...

Vitória teve uma ideia. Arrastou o corpo até o porão, onde havia um freezer. Colocou o Grande lá dentro. Hm... Da próxima vez será geladinho.

O Pós-Parto de Norma

By

Bruna Ramos Pavesi

1 INT. CASA - QUARTO DE CRISTOPHER - NOITE

Um abajur com desenhos espaciais projeta no teto e paredes do quarto estrelas, planetas, astronautas. NORMA (36), grávida de seis meses, termina de ler uma história para CRISTOPHER (6). Norma está sentada na cama junto ao filho. Ao terminar, dá um beijo na testa de Christopher, passa a mão pelo seu rosto e sorri, vendo o filho já com os olhos fechados. Levanta e vai até a porta do quarto e sai para o

2 INT. CASA - CORREDOR - NOITE

A luz do corredor está acesa. É um cômodo largo, decorado com as fotos da família. Norma fecha a porta do quarto de Christopher, deixando uma fresta e ainda espiando para dentro. Anda pelo corredor, alisando sua barriga de grávida, até que chega na porta do

3 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - NOITE

No quarto grande, um abajur ligado ao lado de VICTOR (33), seu marido, que dorme meio sentado na cama, com um livro caído no colo. Norma entra, coloca seu roupão numa poltrona que se encontra am frente à cama, tira o livro do colo do marido e o coloca no criado-mudo, ao lado do abajur, e aproveita para desligá-lo. Norma deita na cama com um sorriso de satisfação, passando a mão na barriga. Fecha os olhos. Um clarão invade o quarto, tornando a tela branca.

4 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - MANHÃ

Alguns meses se passam. Em off, um bebê chora. Norma acorda na mesma posição. Passa a mão na barriga e percebe a ausência da mesma. Ela se apoia com um braço na cama e olha pros lados. No lugar da poltrona, um berço. O quarto também está levemente menor.

VICTOR
(OFF, falando de um jeito infantil)
Pronto, pronto, vamos ver se a mamãe já acordou...

Norma está tão surpresa com o que vê que não nota Victor entrando no quarto segurando CLARA (8 MESES), um bebê saudável. Ele chega com Clara ao lado de Norma, que está sentada na cama e olha para frente. O bebê ainda chora.

VICTOR
(parado ao lado da cama, embalando o bebê)
Querida?

Norma olha para o bebê sem acreditar. Victor entrega Clara para Norma, que aperta os olhos, passa a mão no rosto, olha para os lados. Passa a mão pela barriga, olha para a Clara. Então olha para Victor. Ele está com os olhos completamente brancos. Victor sorri para a esposa, como se estivesse tudo normal.

VICTOR
(calmamente, sorrindo)
Desculpa se te acordamos...

NORMA
(confusa, apontando pra Victor)
O que é isso?!

VICTOR
(riso nervoso)
Isso o quê?

NORMA
(soltando risadas nervosas)
E como ISSO aconteceu (aponta para Clara)?!

Victor fica sem entender a pergunta, em silêncio, olhando confuso para a esposa. Vai começar a falar, mas Norma o interrompe.

NORMA
Como esse bebê tá aqui?!

VICTOR
(riso nervoso)
Querida...

NORMA
(interrompendo, nervosa)
A última coisa que eu me lembro é de estar com uma barriga de seis meses...

O bebê chora ainda mais alto. Nesse momento, Christopher entra no quarto. Ele está com os olhos brancos iguais aos de Victor. Ambos agem normalmente.

CRISTOPHER
(animado)
O almoço, mamãe!

Norma fica assustada, olha para Christopher, apertando mais os olhos.

NORMA
(dando longas piscadas, com voz de choro)
O que... O que é isso?!

VICTOR

(animado)

Ah, isso mesmo, o almoço! Vamos, querida... (voz infantil) Hora da Carol e da mamãe comerem...

CRISTOPHER

(puxando Norma pela mão)

Vamos, mamãe, vamos!

Norma permanece sentada na cama, olhando o filho com desconfiança. Cristopher para de puxá-la. Eles se olham. Norma olha no fundo dos olhos brancos.

VICTOR

(nervoso, pegando o filho pela mão, olhando para Norma)

Vamos, Cris, vamos terminar de arrumar as coisas, que mamãe já vai...

Victor e Cristopher saem do quarto. O choro do bebê aumenta. Norma permanece sentada na cama com Clara. Ela passa a mão na cabeça, sente dor. Esfrega os olhos. Olha novamente para Clara com os olhos muito abertos. Norma levanta da cama e sai com o bebê do quarto.

5 INT. CASA - CORREDOR - ALMOÇO

Norma, Victor e Cristopher sentados na mesa do almoço. Clara está dormindo num carrinho de bebê ao lado de Victor. Norma está calada, enquanto que o marido e o filho conversam. Ela observa desconfiada.

VICTOR

Cris, você precisa comer tudo, pra já ir mostrando pra Clarinha como é que faz...

Cristopher imita um monstro e coloca a colher de comida inteira na boca, como se devorasse uma pessoa. Victor ri.

NORMA

(com os olhos fechados)

Eu não entendo...

CRISTOPHER

(interrompendo)

O almoço tá muito gostoso, papai.

NORMA

(apertando os olhos)

Como...

VICTOR
 (interrompendo)
 Mamãe logo logo já vai voltar a
 fazer almoço de novo, não é,
 mamãe?

Norma fecha os olhos, abre a boca pra falar, mas nada sai.
 Abre os olhos e observa Victor e Christopher olhando
 atentamente para ela.

CRISTOPHER
 (com expressão adulta)
 É, mamãe, a sua comida é a
 melhor.

Um silêncio se instaura.

VICTOR
 Pra isso acontecer, mamãe precisa
 tomar seu remédio... (entrega um
 frasco de remédio à Norma)

NORMA
 (desconfiada)
 O que é isso?!

VICTOR
 (complacente, falando como
 se falasse com uma criança)
 Querida... Não vamos começar isso
 novamente, não é?

NORMA
 Eu preciso saber...

VICTOR
 (interrompendo)
 Cris, a mamãe não parece melhor?

CRISTOPHER
 (com expressão adulta)
 Mamãe, toma o remédio.

Norma olha o carrinho de bebê. Olha pra Victor e
 Christopher. Pega frasco, abre, e finge tomar um remédio,
 porém, o esconde na sua própria mão.

VICTOR
 (comemorando como criança)
 Êêê! Mamãe conseguiu!

CRISTOPHER
 (com a expressão fechada,
 olhando fixamente para
 Norma)
 Êêê.

Norma encara Victor, levemente assustada, e engole seco.

6 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - MADRUGADA

Tela preta. Som metálico muito grave em OFF.

Norma está dormindo de barriga para cima e acorda com o som.

VICTOR
(OFF, sussurrando)
Não, Cristopher, não podemos
enviar o bebê ainda...

Norma está paralisada e com olhos desesperados. Tenta se mexer.

CRISTOPHER
(OFF, sussurrando, falando
como adulto)
Mas, se esperarmos, tudo pode dar
errado... Norma parece ter
retomado a consciência.

VICTOR
(OFF, sussurrando)
Não, você sabe que é comum
momentos de confusão desse tipo
após a cirurgia...

Norma faz tanto esforço que da sua boca sai um leve grito. Victor e Cristopher, que estão ao redor do berço de Clara, ouvem o som. Olham-se assustados e se dirigem à cama onde Norma está deitada. O quarto está muito escuro, é possível apenas enxergar seus vultos e seus olhos brancos brilhantes.

CRISTOPHER
(voz assustada)
Os olhos dela...

VICTOR
(calmo)
Estão abertos, sim.

CRISTOPHER
(voz assustada)
Ela tá consciente?

VICTOR
(uma pausa antes de falar)
Hm... Não, não tem como. O
dispositivo desliga o ser humano
durante a noite...

CRISTOPHER
Então deve ser algum espasmo?

VICTOR

Sim, um espasmo. É comum...

Os dois se olham. O bebê começa a chorar. Eles saem do quarto. O bebê permanece chorando e Norma continua paralisada.

7 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - MANHÃ

Tela preta. Som de campainha em OFF.

Norma está sentada na cama, como se estivesse em transe. No segundo toque da campainha, ela desperta. O bebê começa a chorar. Seu rosto está cansado, com olheiras. Passa a mão no rosto e levanta da cama num suspiro. O quarto parece menor e mais escuro. O guarda-roupas está arranhado. Ela sai da cama se apoiando nele. Chega no berço, pega Clara no colo e a olha nos olhos. O bebê para de chorar. Vai embalando Clara até o

8 INT. CASA - CORREDOR - MANHÃ

O corredor está levemente mais estreito. O marido aparece no outro extremo do corredor, atrapalhado, com uma lancheira infantil na mão.

VICTOR

(fechando a lancheira)

Querida, não precisava ter acordado, o Cris tá pronto...

Norma nem olha para Victor. Chega na porta de entrada da casa e abre. No quintal está HELEN (34), acompanhada de sua FILHA (6). Em nenhum momento seus rostos são visíveis.

HELEN

(animada)

Bom dia, Norma!

NORMA

(preocupada, falando baixo)

Graças a Deus, Helen! Não fizeram isso com você também...

HELEN

(sorrindo confusa,
inclinando a cabeça)

Não fizeram o quê?

NORMA

(sussurrando, olhando pros
lados)

Os olhos deles, Helen! Me ajuda!

Nesse momento, Christopher chega correndo e dá um abraço na cintura da mãe, que nem o olha. Norma apenas olha para Helen, com o semblante preocupado.

Helen olha confusa para Norma e com pena para Christopher, que se afasta e faz um bico de choro. Helen se abaixa para falar com o menino.

HELEN

(complacente, segurando a
mão de Christopher)
Cris, sua mãe não quis falar
assim, ela só tá cansada por
causa da sua irmãzinha... Logo
logo ela vai melhorar.
(Levantando e falando baixo para
Norma) Querida... Melhore logo...

Victor chega com a lancheira e a entrega para Christopher, dando um beijo em sua testa.

VICTOR

(docemente)
Cris, a mamãe precisa descansar
pra conseguir brincar com você de
novo...

Norma embala o bebê e olha fixamente para Helen.

HELEN

(animada)
Vamos, crianças, o futebol já tá
começando...

NORMA

(com olhos desesperados,
agarrando o braço de Helen)
Helen...

Helen tira seu braço da mão de Norma e pega na mão de Christopher.

HELEN

(riso nervoso)
Bom descanso, querida.

Helen se afasta com as crianças para o carro. Eles saem e Norma fecha a porta. Ela olha para Victor, que sai do corredor sem falar nada. Norma permanece parada na frente da porta fechada, embalando o bebê nervosamente.

NORMA

(para Clara)
Ninguém vai fazer nada com
você...

Norma beija a testa de Clara e continua embalando-a.

9 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - MADRUGADA

Tela preta. Som metálico muito grave em OFF.

Norma acorda novamente sem conseguir movimentar o copo. Abre os olhos e vê as sombras de Christopher e Victor olhando para ela, com os olhos brancos brilhantes.

CRISTOPHER
(preocupado)
Ela abriu os olhos!

VICTOR
É normal, Christopher...

O barulho metálico se intensifica e um clarão invade o ambiente, tornando a tela branca.

10 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - NOITE

O quarto de casal está escuro e menor Os criado-mudos desapareceram. Clara chora no seu berço. Norma está sentada na cama de casal, sozinha. Ela olha pro nada, com ar de desespero. Seus olhos estão marejados. Coloca a cabeça entra as mãos e segura. Balança. O choro do bebê aumenta. Muito rapidamente, Norma se levanta, vai ao berço, pega Clara, que grita, sai do quarto e entra no

11 INT. CASA - CORREDOR - NOITE

O corredor está muito estreito e escuro. Norma pega na maçaneta, quando é interrompida.

CRISTOPHER
Mamãe?

Está escuro e só é possível ver o vulto de Christopher e seus olhos brancos brilhantes. Ela permanece com o bebê numa mão e a maçaneta na outra. Olha para Christopher. Os dois se encaram por um momento. Ela, tremendo, tira a mão da maçaneta, vira de costas, entra no quarto com Clara chorando e fecha a porta. Christopher só então sai do corredor. O choro abafado de Clara permanece.

12 INT. ESCOLA - SALA DE EXPOSIÇÃO - TARDE

Norma está numa exposição de trabalho das crianças. Sentada sozinha num banco, ela olha pro nada, enquanto há bastante movimento ao seu redor. Não é possível ver os rostos das pessoas.

CRISTOPHER
(OFF)
Mamãe, vem aqui! Mamãe! Mamãe!...

As outras mães cochicham. Em meio a cochichos, algumas falas se sobressaem.

VOZ DE MULHER I
(OFF)
...Depressão pós parto...

VOZ DE MULHER II
(OFF)
...Péssima mãe...

VOZ DE MULHER III
(OFF)
...Só tenho pena dessas crianças...

Um som agudo toma conta, fazendo todas as vozes desaparecerem.

13 INT. RESTAURANTE - NOITE

O som agudo continua em OFF. Norma janta com o marido num restaurante. Seu rosto não tem expressão. Ela derruba um copo no chão sem querer e permanece parada, olhando pro nada. O marido chama o garçom, que logo vem limpar. Não é possível ver seu rosto.

14 INT. CASA - CORREDOR - PÔR DO SOL

O som agudo continua em OFF. Norma anda apoiada no corredor da casa, estreito e sem as fotos da família. Ela está sozinha. O bebê chora em OFF e ela nada faz.

15 INT. ESCOLA - SALA DO DIRETOR - MANHÃ

O som agudo continua em OFF. Norma e Victor sentados na frente da mesa do diretor. Não é possível ver seu rosto. Victor fala com o diretor, enquanto Norma permanece parada, sem expressão. O som agudo vai diminuindo, enquanto gradualmente aumenta a voz de Norma.

NORMA
(OFF)
Preciso lembrar... Preciso
lembrar... Preciso lembrar...
Preciso lembrar!

16 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - NOITE

O quarto está minúsculo, apenas com espaço para a cama e o berço. Norma está deitada na cama com os olhos abertos. Seu rosto expressa cansaço, está com olheiras. Dá longas piscadas.

NORMA

(OFF)

Não durma! Não durma! Não durma!

Seus olhos vão se fechando e ela luta contra o sono. Victor e Christopher chegam no quarto e não notam que Norma está acordada. Dirigem-se ao berço de Clara. Colocam as mãos por cima do berço e um clarão invade o quarto. Um som em OFF metálico, grave e ensurdecedor, começa. Norma senta na cama num pulo. Coloca as mãos nas orelhas e solta um grito de dor. Observa a cena assustada. Uma luz partindo da janela foca em Clara. O bebê começa a flutuar em direção à janela. Norma corre até sua filha e a agarra.

NORMA

(girando desesperada)

Vocês não vão levar a minha filha!

Victor e Christopher correm para agarrá-la. O Clara chora. Norma luta e consegue dar uma cotovelada no rosto de Christopher, que começa a sangrar. Os três gritam. O som em OFF fica ainda mais alto. O clarão invade a tela e tudo fica branco.

17 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - MANHÃ

Norma está sentada ao lado do berço de Clara, sem expressão, olhando pro nada. O quarto está escuro, não é possível ver o resto do mesmo, porém, parece ter voltado ao normal.

VICTOR

(OFF)

O que você fez, Norma?!

Norma permanece na mesma posição.

VICTOR

(OFF)

Alô? Eu preciso de uma ambulância...

Um som agudo muito alto corta a fala de Victor.

No berço, ao lado de Clara, um travesseiro. O bebê está roxo e não se move. O som acaba.

18 INT. CASA - QUARTO DO CASAL - MANHÃ (MAIS TARDE)

Norma permanece no mesmo local. Os bombeiros chegam e vão direto ao berço. A polícia entra no quarto, levantam Norma e a algemam. Seus rostos não são visíveis. Eles a levam algemada pelo

19 INT. CASA - CORREDOR - MANHÃ

O corredor volta ao normal. Victor está com as mãos nos ombros de Christopher. Seus rostos não são visíveis. Eles observam Norma e os policiais, que caminham até o

20 EXT. CASA - QUINTAL - MANHÃ

Norma é colocada num carro de polícia, que parte.